

## **OFENÍSIA SOARES FREIRE: ESCOLARIZAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA O MAGISTÉRIO (1920-1930)**

**Renilfran Cardoso de Souza**

Universidade Federal de Sergipe - UFS  
renilfran@yahoo.com.br

**Joaquim Tavares da Conceição - UFS**

Universidade Federal de Sergipe  
joaquimcodapufs@gmail.com

### **RESUMO**

Este artigo apresenta aspectos biográficos da professora Ofenísia Soares Freire, destacando sua formação escolar e profissional para o magistério (1920-1930). Foram utilizadas tipologias diversas de fontes coletadas no CEMAS – Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense, mensagem presidencial, legislação e artigos de jornais. A professora iniciou seus estudos na cidade de Estância/SE, no Colégio Camerino, no final da primeira década do século XX, onde fez parte do curso primário. Em Aracaju, Ofenísia Freire continuou sua formação escolar como aluna interna do Colégio Nossa Senhora Santana, ingressando em seguida na Escola Normal onde obteve o título de normalista. Foi na cidade de Estância, em 1933, que Ofenísia Soares Freire iniciou a sua trajetória no magistério. No seu retorno à Aracaju lecionou em alguns estabelecimentos de ensino particulares e ingressou como professora do ensino secundário no Atheneu Sergipense.

**Palavras-chave:** Educação. Ofenísia Soares Freire. Formação educacional. Trajetória profissional.

## Apresentação

Este artigo é uma compreensão histórica da trajetória de vida de Ofenísia Soares Freire destacando os caminhos da sua formação escolar no Colégio Camerino e no Colégio Nossa Senhora Sant'Anna e a formação para o magistério na Escola Normal Rui Barbosa, no período de 1920-1930.

Foram utilizadas fontes documentais diversas, a saber: livro de registros, mensagem presidencial, jornais, discursos, editais de admissão, diário oficial. O tipo da pesquisa corresponde ao campo da História da Educação, dentro da abordagem teórico da História Cultural. Sobre a categoria de análise utilizamos a noção de capital cultural de Bourdieu (2007) e os investimentos econômicos familiar para a obtenção de títulos e do fortalecimento da formação intelectual.

Esse esboço biográfico, enquadra-se em “um modo particular de fazer história” em que, segundo Le Goff, a

[...] posição de um problema, busca e crítica das fontes, tratamento num tempo suficiente para determinar a dialética da continuidade e da troca, redação adequada para valorizar um esforço de explicação, consciência do risco atual – ou seja, antes de tudo, da distância que nos separa – da questão tratada. A biografia confronta hoje o historiador com os problemas essenciais – porém clássicos – de seu ofício de um modo particularmente agudo e complexo (LE GOFF, 2014, p. 20).

Esse autor observa que ao fazer uma biografia, faz-se necessário usar caminhos metodológicos que compreendam a vida do indivíduo dentro de uma análise criteriosa de suas fontes. A busca do problema e a desmistificação do personagem intocável se aproximam mais dos fatos vividos. É função do historiador, que se propõe a escrever uma biografia, saber selecionar, interpretar e criticar o documento para uma melhor compreensão do objeto.

Muitos caminhos foram trilhados nas produções biográficas. A glorificação e a mitificação dos personagens foram marcas singulares dos estudos, sobretudo as biografias de grandes heróis, generais, reis, rainhas, príncipes. Entretanto, “A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (BOSI, 2003, p. 15).

Estudos revelam que o retorno do estudo do gênero biográfico continua a escrever histórias de vida com a escrita linear e factual, através de uma cronologia ordenada e cheia de certezas. Esse retorno vem, sobretudo, destacado pelos franceses como o “retorno da História política”. Segundo Vavy Pacheco (2006): “Dois eixos claramente imbricados podem explicar

hoje esse interesse pelas biografias: os movimentos da sociedade e o desenvolvimento das disciplinas que estudam o homem em sociedade” (2006; p. 209).

### **A menina de estância**

A professora Ofenísia Soares Freire discursou em 1983, nas festividades comemorativas dos 153 anos de sua cidade natal, Estância/Sergipe, destacando sua cidade em dois ângulos diferentes: o cívico e o emocional. O cívico seria a história dos tempos heroicos e os acontecimentos que estruturaram a cidade. O lado emocional seriam os laços de afetividade “[...] porque sou destas paragens, desta região de muitas águas e de ar saudável” (FREIRE, 1983, s/p). Como de costume, seus discursos apresentam poesia e destacam a saudade e o seu agradecimento pelos tenros anos vividos na cidade do interior, terra do barco de fogo, dos casarões, da Lira Carlos Gomes e de intelectuais.

Tudo aqui me fala ao coração com as mais reminiscências. O rio Piauitinga amado por todo mundo, a centenária e gloriosa Lira Carlos Gomes, a segunda banda de música mais antiga do país, o Porto d’Areia, com seu velho Trapiche e as canoas singrando o Piauí em demanda de Crasto, do Mangue-Seco e do Saco. A Santa Cruz com sua fábrica hoje muda, o Bonfim além da ponte, o Pernambuquinho aconchegante, o Rosário, a rua Nova, a rua da Maringa, os “ciscos” da Lira e os “assustados” ou bailes em casas de família, as festas lítero-musicais no cine-teatro, a biblioteca na “Casa Inglesa”, as feiras de livros na Papelaria Modelo de João Nascimento Filho, os jornais falados de Jorge Amado. (FREIRE, 1985, s/p)

Terra de grandes proprietários de terra, da prática da monocultura, dos grandes latifúndios de cana-de-açúcar e de uma economia que buscava o crescimento da cidade através do comércio, Estância crescia e competia com outros municípios. Cidade de sobrados azulejados, um litoral vasto e explorável, caminhava com ares imponentes e em crescente desenvolvimento (FERREIRA, 1959).

Ofenísia Soares Freire iniciou seus estudos na cidade de Estância/SE, no Colégio Camerino, no final da primeira década do século XX, sob a direção de Maria Cândida de Carvalho, onde fez uma parte do curso primário, antes de concluir seus estudos na capital sergipana. Ainda em Estância, iniciou suas aulas de piano e francês e deu seguimento às aulas em Aracaju no Colégio Nossa Senhora Sant’Anna, nos estudos de música com a pianista Marina Marsilac e nas aulas de francês com a professora Clotilde Machado (FREIRE, 1993).

Foi na cidade de Estância, em 1933, que Ofenísia Soares Freire iniciou a sua trajetória no magistério. Depois de formada, a normalista tinha que iniciar a docência no povoado da cidade. Logo após a experiência, passaria a lecionar na vila, depois na cidade e por fim chegava

à capital. As normalistas passavam por essas promoções através da realização de cursos de aperfeiçoamento e da avaliação com os inspetores. Apesar do regulamento, algumas famílias não permitiam que as filhas fossem morar sozinhas no interior, e estas acabavam iniciando a carreira na capital, através de nomeação do diretor de Instrução Pública (FREITAS, 2003).

Em relato ao *Jornal da Cidade*, em comemoração aos seus 85 anos de idade, Ofenísia Soares Freire descreve que a primeira escola onde lecionou foi Nossa Senhora Auxiliadora em Estância. Explicou que o local era simples, adaptado para que pudesse receber seus alunos; e foi na sala principal da casa que as crianças foram acomodadas, aproveitando todo o espaço, sobretudo o quintal que foi utilizado na plantação de uma horta com seus alunos.

Ofenísia Soares Freire observa que à medida que as séries iam avançando, os alunos começavam a buscar outras instituições de ensino para concluir seus cursos; e como já estava conhecida na cidade, surgiu a oportunidade de ensinar no centro da cidade, no Grupo Escolar Gumercindo Bessa, Colégio Camerino e Colégio Sagrado Coração de Jesus (JORNAL DA CIDADE, 1998, s/p).

Em Estância “Aqui amei e me casei com Filemon Franco Freire, filho também desta terra e um homem de bem” (FREIRE, 1983, s/p). Ofenísia Freire casou-se em 8 de janeiro de 1938 com o industrial da Fábrica Senhor do Bonfim, Filemon Franco Freire, na cidade de Estância. Depois de três anos de casados, mudaram definitivamente para a capital sergipana.

Observamos que Ofenísia Soares Freire rememora os acontecimentos vividos na sua infância e suas impressões da cidade natal. Ao contar a história de Estância, foi possível identificar seu olhar do tempo vivido na velha Estância. Segundo Hussein (2014) “A memória [...] é considerada crucial para a coesão social e cultural da sociedade. Todos os tipos de identidade dependem dela. Uma sociedade sem memória é um anátema” (2014, p. 157). A exigência de lembrar corresponde a um aspecto que impulsiona o indivíduo a buscar aspectos que justificam o tempo vivido, ou seja, refletidos na sociedade. O próprio ato de rememorar demonstra o respeito às memórias que muitas vezes ficam adormecidas, prontas para serem capturadas em favor da história.

É importante perceber que essas memórias capturadas são frutos de uma memória coletiva, uma lembrança compartilhada, exercitada, que colabora através dos seus testemunhos um novo olhar ao fato lembrado. Segundo Halbwachs (1990): “Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vivemos” (1990, p. 26). Embora a memória seja individual, pois cada indivíduo possui sua história, segundo Halbwachs, as lembranças precisam ser exercitadas e estimuladas coletivamente.

## A moça interna do Colégio Nossa Senhora Sant'anna

A cultura do internato no século XIX na época foi difundida através dos colégios e liceus da Europa, precisamente na França, que construiu um modelo de internato que acabou dominando o cenário educacional, visualizando a necessidade de muitos meninos e meninas que precisavam estudar e eram impossibilitados pela grande distância de seus domicílios. No Brasil não foi diferente, contribuindo para educação dos filhos de grandes famílias, tipicamente rurais e que possuíam condições necessárias para a manutenção do seu filho na instituição (CONCEIÇÃO, 2012).

Em Sergipe, de acordo com Conceição (2012), durante grande parte do século XIX, era comum o número de internatos familiares que funcionavam de forma adaptada, sobretudo em casas alugadas. O objetivo, além de instruir a moços e moças que ali chegavam, seja da região ou de localidades vizinhas, era educar e adequar meninos e meninas às regras estabelecidas pela sociedade, do portar-se e do viver correto dentro dos padrões sociais da época.

Conceição (2012) nos informa que no início do século XX, em Sergipe, os internatos começaram a se popularizar através do contexto de uma cultura familiar, objetivando conseguir um número maior de internos que buscavam continuar seus estudos. Para a família, seus filhos estariam “supervisionados” por uma equipe educacional que lhes daria a possibilidade de instruir-se e aprender a conviver socialmente. Com um número pequeno de escolas no interior da cidade, o colégio interno foi uma opção de famílias sergipanas que podiam investir na educação dos seus filhos.

Ofenísia Soares Freire, na década de 1920, deu continuidade a seus estudos como aluna interna no Colégio Nossa Senhora Sant'Anna em Aracaju, sob a direção da professora Quintina Diniz<sup>1</sup>. Apesar de ser um colégio localizado na capital, a professora teve o apoio da família para os estudos. Em relato concedido a Freitas (2003), Ofenísia Soares Freire destaca o desejo do seu pai para que seguisse os estudos:

[...] aprendi de tudo porque meu pai dizia assim, meu pai era senhor de engenho, mas um homem que queria ver assim, os filhos formados. Meu irmão mais velho que já morreu era médico, o outro se formou em engenharia no Rio de Janeiro, não chegou a seguir carreira, ficou doente, mas ele queria que os filhos estudassem. Ele disse à diretora (D.Quintina): “Quero que ensine a minha filha tudo que ela tiver aqui para ela estudar” [...]. (Apud. FREITAS, 2003, p. 112)

---

<sup>1</sup>Quintina Diniz de Oliveira (1878-1942) nasceu em Laranjeiras/SE, filha de Dr. Victor Diniz Gonçalves e Maria Petrina de Oliveira Gonçalves. Ela teve três irmãos: Pedro Diniz Gonçalves, Elisa Diniz Gonçalves Ribeiro e Georgina Diniz Gonçalves Ribeiro. O primeiro era proprietário de terras na região de Lagarto (SE) e suas irmãs estiveram presentes alguns anos no Colégio Sant'Anna ajudando na obra educacional de Quintina. (FREITAS, 2003, p. 66)

Para compreender a relação entre família e formação educacional infantil, Bourdieu destaca que o rendimento escolar da criança depende do capital cultural em que ela está inserida. Sendo assim, o autor observa que o rendimento econômico e social no âmbito da família favorece o serviço que será ofertado na educação. No tocante a esse capital cultural, compreendido por Bourdieu, destaca-se que existe uma exigência natural do próprio meio cultural, que é inculcar o investimento na criança, a serviço do seu reconhecimento ao longo do tempo. “O capital cultural é um ter que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um *habitus*. Aquele que o possui ‘pagou com sua própria pessoa’ e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo” (BOURDIEU, 2004, p. 74). Ainda segundo esse autor, o capital ‘pessoal’ não pode ser transmitido de imediato. Convém frisar que nem todos os agentes têm meios econômicos e culturais para custear os estudos dos filhos e acabam ficando com o mínimo para a reprodução da força do trabalho.

Sabe-se, por outro lado, que a acumulação inicial do capital cultural, condição da acumulação rápida e fácil de toda espécie de capital cultural útil, só começa desde a origem, sem atraso, sem perda de tempo, pelos membros das famílias dotadas de um forte capital cultural, nesse caso, o tempo de acumulação engloba a totalidade do tempo de socialização (BOURDIEU, 2004, p. 76).

O Colégio Nossa Senhora Sant’Anna pertencia à professora Possidônia Bragança, que fora diretora dessa instituição na segunda metade do século XIX, na cidade de Laranjeiras/SE. A escola era referência de ensino na época e vinha sendo local de excelência nos estudos de moças da cidade e de localidades vizinhas. Apesar de exemplo educacional, a diretora buscava encerrar as atividades da escola pelo cansaço da idade. Possidônia Bragança entregou a direção do Colégio Senhora Sant’Anna à professora Quintina Diniz em 03 de fevereiro de 1898. Mas só em 1906 a escola foi transferida para a capital do Estado (SERGIPE, 1957).

Segundo Freitas (2006), no Colégio Nossa Senhora Sant’Anna as alunas eram preparadas para atividades relacionadas às tarefas domésticas e para serem boas esposas e boas mães. O colégio estimulava as moças nas práticas artísticas, manuais, musicais e línguas estrangeiras. Segundo Ofenísia Soares Freire (1957), as bancas de exames finais do colégio eram regadas a festividades e exposições de habilidades manuais e artísticas que foram desenvolvidas pelas alunas durante o ano. Ela também descreve com carinho sua relação com a professora Quintina Diniz no internato Colégio Nossa Senhora Sant’Anna:

Tia Quintina era como a chamávamos todas as suas alunas que tivemos a felicidade de frequentar, anos a fio, um colégio, um internato do qual nos lembramos com uma saudade profunda, pois na quadra feliz de nossa meninice e adolescência, era ele um prolongamento do lar, a aplicação mesma

do princípio de Froebel<sup>2</sup> – ‘Educação é exemplo de amor – nada mais (FREIRE, 1957, s/p).

Um misto de carinho e devoção, pois “Tia Quintina”, como era chamada por suas pupilas, inclusive pela própria Ofenísia Soares Freire, foi exemplo de competência e amor ao magistério. Segundo suas memórias, a felicidade era compartilhada no colégio interno. Um sentimento de acolhimento e conforto viviam as meninas que saíram do seio familiar, com o sonho de estudar e trilhar seus caminhos. Nos corredores do colégio, a lembrança era bem clara:

As qualidades se evidenciavam nos episódios mais simples, como em ocasiões em que Tia Quintina com um pacote de guloseimas para as internas ia ao pátio onde brincávamos aos domingos. Judite aproximava-se e dizia logo: “Eu distribuo”. E ninguém se incomodava, porque ela sabia como fazer. Também era Judite quem se encarregava de convocar todos, professores e alunas para novenas da padroeira, realizadas no Colégio no mês de julho, tocando energicamente o sino (FREIRE, 1957, s/p).

“A educação é exemplo e amor – nada mais”. Foram palavras que Ofenísia Soares Freire descreveu como exemplo que a “Tia Quintina” representou para o magistério sergipano. Considerava a mestra exemplo poderoso e agente transformador da sociedade. Foram suas “sobrinhas” as internas que frequentaram o Colégio Nossa Senhora Sant’Anna. Ainda com base no relato anterior, Ofenísia Soares Freire soube aproveitar os ensinamentos compartilhados na educação do colégio e nos momentos livres como uma menina interna. Teve a oportunidade de aprender piano e francês e aprendeu a conviver com todas as meninas que eram também internas.

### **Ofenísia Freire: a normalista**

Segundo António Nóvoa (1991), ao longo do século XIX houve a consolidação da profissionalização do professor, no tocante ao espaço do magistério docente. Em Portugal, os professores foram submetidos ao controle do Estado, havendo mais rigor no recrutamento do professorado. Sendo assim, ocorreu a solidificação das instituições de formação de professores e da autonomia da profissão. A 1ª República criou as condições políticas para uma agudização do conflito acerca do estatuto da profissão docente. A ambição republicana de “formar um

---

<sup>2</sup>Friedrich Froebel, pedagogo e pedagogista alemão (1782-1852). “[...] sua concepção pedagógica que se encontra igualmente na origem dos ‘jardins de infância’, ideia de repercussão universal que continua sendo o principal mérito de Fröbel. Mas Fröbel também aplicou suas teorias ao ensino escolar, pondo em prática suas ideias na escola privada que havia criado não longe de Weimar, o Instituto de Educação Alemão de Keilhau, próximo a Rudolstadt. [...]”.(HEILAND, 2010, p. 12).

homem novo concedeu aos professores um papel simbólico de grande relevo: só no contexto de um maior prestígio, qualificação e autonomia era possível desempenharem-se desta missão (NÓVOA, 1991, s/p). Para Nóvoa (1991), com uma República preocupada com a formação do homem, proporcionou-se aos professores um prestígio maior na sociedade. O controle do Estado permitiu fiscalizar o corpo docente, implantando projetos de escolarização para as massas, permitindo ao professor ser um produtor “de saber e de saber fazer”.

No Brasil, segundo Saviani (2005), depois da Independência do país houve a preocupação de preparar professores seguindo as mudanças educacionais que estavam ocorrendo pelo mundo. Sendo assim, foi instalada no Rio de Janeiro a primeira Escola Normal do Brasil. Mas somente com a República brasileira, em 1889, houve modificações no campo educativo. O estado de São Paulo promoveu uma ampla reforma na instrução pública, sobretudo mudanças na Escola Normal, aperfeiçoando os conteúdos e dando ênfase a novas práticas de ensino (SAVIANI, 2005).

As Escolas Normais construíram um espaço de referência social e foram responsáveis pelo número de mulheres que se matriculavam e saíam aptas para exercer o magistério. Essa profissão possibilitou a liberdade feminina e a conquista de novos espaços sociais. Assim, as professoras e normalistas foram se tornando claramente modelos na educação e as profissionais do ensino (FREITAS, 2003).

No início da década de 20 do século XX, houve um processo de organização do campo educacional, incorporando mudanças nas atividades dos educadores e dos professores, objetivando uma formação específica, com base no conhecimento dos pensadores da educação. As reformas de 1932 no Distrito Federal, desenvolvidas por Anísio Teixeira, e em São Paulo, por Fernando Azevedo, tiveram como finalidade a formação de professores com bases científicas. Anísio Teixeira traçou um programa a ser implantado na Escola Normal, com sustentação no apoio ao ensino. Com uma estrutura de apoio que envolvia Jardim de Infância, Escola Primária, Escola Secundária, que funcionavam como campo de experimentação, demonstração e prática de ensino para os cursos da Escola de Professores; um Instituto de Pesquisas Educacionais, Biblioteca Central de Educação, Bibliotecas escolares, Filmoteca, Museus Escolares e Radiodifusão; e tendo como diretor Lourenço Filho, a Escola Normal, agora transformada em Escola de Professores, se empenhou em pôr em prática o modelo ideal acima descrito (SAVIANI, 2005, s/p). Segundo Saviani (2005), em 1935 foi criada a Universidade do Distrito Federal, e por iniciativa de Anísio Teixeira, foi incluída a Escola de Professores. Em 1939 foram instituídos os cursos de Pedagogia e Licenciatura na Universidade do Brasil e na Universidade de São Paulo, coube a tarefa de formar professores para disciplinas



específicas das escolas secundárias. Os cursos de Pedagogia tiveram a finalidade de formar professores das Escolas Normais.

A Escola Normal em Sergipe, por muito tempo, foi um espaço feminino de formação. O curso normal administrado pelo Estado ou por instituições religiosas foi fundamental para a iniciação profissional da mulher. Na Escola Normal Rui Barbosa, até a década de 1920, as disciplinas estudadas pelas normalistas eram de educação geral e não as disciplinas específicas do magistério.

O ensino primário era ministrado no anexo da Escola Normal até a metade da década de 1930, no Grupo Escolar Modelo. Para o ingresso, era necessário inscrição nos exames de admissão publicados através de editais expedidos pelo diretor de Instrução Pública do Estado. Também havia alguns critérios para as candidatas requererem a habilitação na vaga (FREITAS, 2003).

Ofenísia lembra que, antes de iniciar seus estudos na Escola Normal, foi necessária alteração no seu registro de nascimento para que pudesse ingressar nessa instituição em 1925, após concluir o primário na Escola Nossa Senhora Sant'Anna.

[...] naquele tempo exigia-se a idade de quatorze anos...não sei se foi um erro, ou se foi certo, que a Diretora do Colégio que era uma grande senhora, Dona Quintina Diniz, onde eu era interna do Colégio Sant'Anna, na rua de Maruim. Ela disse: “Esta menina, ela já está pronta demais! Não tem mais o que ensinar no curso primário! Ela precisa ir para a Escola Normal!” Pois aqui, naquele tempo, não se recomendavam muito aquelas que fossem estudar no Colégio (Atheneu) [...] E sim no Colégio das Moças! No Colégio das Normalistas! Ela então disse assim: “Ela precisa era ter idade, como na Escola Normal só se entrava com 14 anos!” Então meu pai, providenciou um atestado, de idade, como mais 3 anos para mim...minha idade oficial é uma não é...então eu entrei com 11 anos na Escola Normal e sair com 16 anos...porque naquele tempo eram cinco anos de Escola Normal!(Apud. FREITAS, 2003, p.111).

Alguns documentos pesquisados no CEMAS, a exemplo de sua ficha de docente, constam que sua data de nascimento é de 06 de dezembro de 1915, diferente da data que consta em sua certidão de Casamento, que é 28 de dezembro de 1913. O fato de o pai de Ofenísia Soares Freire ter providenciado a alteração do documento reforça o incentivo da continuação dos estudos<sup>3</sup>.

Segundo Bourdieu (2004), o prolongamento dos estudos, incentivado pela família, depende da disponibilidade de tempo e da necessidade econômica para o investimento.

Além disso, e correlativamente, o tempo durante o qual determinado indivíduo pode prolongar seu empreendimento de aquisição depende do tempo livre que sua família pode lhe assegurar, ou seja, do tempo liberado da necessidade

---

<sup>3</sup> Esta mesma medida foi realizada por outras famílias, conforme Freitas (2003).

econômica que é a condição da acumulação inicial (tempo que pode ser avaliado como tempo em que se deixa de ganhar) (BOURDIEU, 2004, p. 76).

Ofenísia Soares Freire continuou como pensionista no Colégio Senhora Sant'Anna, mesmo já estudando na Escola Normal. Embora estivesse em outra instituição, isso não a impedia de ampliar seus estudos, pois ao chegar da Escola Normal, dividia suas tarefas com aulas de piano, francês, declamação, datilografia e pintura (FREIRE, 1993). Foi na escola Normal que Ofenísia Soares Freire teve acesso aos teóricos nas aulas da professora Quintina Diniz, nas disciplinas de Pedagogia e Psicologia, no 4º e 5º anos.

A professora Ofenísia Soares Freire relata que teve a oportunidade de conhecer o ensino “globalizado”, entre 1927 e 1930 (período cursado), e pôde conferir os estudos do belga Ovide Decroly, com sua concepção sobre educação em “centros de interesse”, bem como compreendeu as orientações da psicologia e inteligência do francês Binet. Pôde também citar a teoria do filósofo e pedagogo americano Dewey que acreditava ter o aluno a capacidade de desenvolver a crítica. Ela também conheceu também a teoria do americano Kilpatrick para compreender suas concepções sobre “método de projetos”, buscando realizar um trabalho pedagógico que estimulasse o aluno ao saber.

Ofenísia Soares Freire destaca que foi na Escola Normal que ela pôde conhecer esses teóricos, tanto americano, quanto europeu foram fundamentais para a compreensão do universo escolar e da importância de uma “escola ativa”. A professora ainda nos mostra que sua primeira experiência como professora deu-se na escola primária, quando teve que enfrentar muitas dificuldades com a falta de “aparelhagem” técnica para integrar seus alunos na sala de aula. Ela evidencia sua admiração pela pesquisadora italiana Maria Montessori, que buscou em sua teoria a libertação da criança pela escola ativa. “A criança aprende agindo, e tanto melhor aprenderá quanto mais livre, espontânea e criadora for a ação que a escola lhe proporciona” (SERGIPE, 1957, s/p).

Recém-saída da Escola Normal Rui Barbosa, Ofenísia Soares Freire ficou durante três meses como professora adjunta do Grupo Escolar Augusto Ferraz, no Bairro Industrial, em Aracaju, através da nomeação do Diretor de Instrução Pública, pelo decreto n.º. 30, de 4 de agosto de 1931, ficando até outubro desse mesmo ano (LIVRO DE CONTRATO, 1941, p. 9).

Ofenísia Soares Freire, após concluir seus estudos na Escola Normal, em 1930, retornou à instituição a fim de fazer um curso de aperfeiçoamento e prolongamento dos estudos para atuar em outros cargos na escola. Foi no Governo de Dr. Eronildes Ferreira de Carvalho em 1935 que se criou o curso de aperfeiçoamento, com duração de um ano, tendo como finalidade a especialização dos professores.

Este curso funcionou na Escola Normal entre 1936 e 1940 aproximadamente. Para frequentá-lo, era necessário fazer um exame de seleção, que poderia ser realizado por professores formados ou por leigos. Após este curso, muitos professores assumiram cargos de direção e orientação. O programa composto por Educação Física, Canto Orfeônico, Álgebra, Português, História Natural, Higiene, Física, Química e Biologia (FREITAS, 2003; p. 36).

Ofenísia Soares Freire não realizou estudos de nível superior, mas buscou inúmeros cursos de aperfeiçoamento e estudos da Língua Portuguesa. O prolongamento dos estudos rendeu um certificado registrado pelo MEC, que a habilitou lecionar o português em qualquer parte do território nacional. Outro curso importante foi o de aperfeiçoamento de professores de língua portuguesa ofertado pela CADES e reconhecido pela instituição de ensino Fundação Getúlio Vargas, no ano de 1955.

### **Considerações finais**

O artigo destacou a formação educacional de Ofenísia Soares Freire evidenciando seu Capital Cultural construído através título de normalista e dos cursos de especialização para o exercício do magistério. Ou seja, depois de formada, a professora Ofenísia Soares Freire continuou fazendo cursos de aperfeiçoamento, embora não tenha realizado estudos de nível superior. Para Bourdieu, o Capital Cultural requer um investimento econômico familiar, a serviço do reconhecimento ao longo do tempo, através de diploma, cursos, certificados e suas produções.

A professora Ofenísia Soares Freire nasceu em Estância, em 28 de dezembro de 1913. Saiu da sua cidade natal aos 11 anos de idade para estudar em Aracaju e ser aluna interna do Colégio Nossa Senhora Santana. Ao concluir seus estudos no colégio interno, foi matriculada na Escola Normal Rui Barbosa, obtendo o grau de normalista em 1930.

Mesmo distante de sua família quando estava estudando no colégio Nossa Senhora Sant'Anna na cidade de Aracaju/SE, Ofenísia Soares Freire descreveu que no colégio existia um ambiente familiar e isso contribuiu para que continuasse os seus estudos na Escola Normal. Ainda segundo a professora, ela teve a oportunidade de conhecer alguns pensadores que foram importantes para compreender o ensino “globalizado” e as mudanças educacionais de intelectuais brasileiros defensores da pedagogia da Escola Nova.

O “capital cultural” alcançado por Ofenísia Soares Freire, através dos cursos de aperfeiçoamento, contribuiu, provavelmente, para seu crescimento como profissional e para seu desenvolvimento com professora da disciplina de Língua Portuguesa.

Para Bourdieu (2007), a conquista do diploma traz uma relativa autonomia, tendo em vista as relações culturais que são estabelecidas diante do momento tão esperado para o seu

portador. Sendo assim, “[...] vê-se claramente, nesse caso, a magia do poder de instruir, poder de fazer ver e de fazer crer, ou numa só palavra, de fazer reconhecer” (BOURDIEU, 2007, p.79). Esse reconhecimento é o capital cultural possuído e, através do certificado, trará condições para que os diplomados tenham aspectos necessários para o uso do bem cultural e econômico.

## FONTES

CEMAS. Livro de Registros – 1941-1942 – (FASS09. CX. 124. PC. 329)

SERGIPE. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa, 7 de setembro de 1925. **Instala-se a terceira sessão ordinária 15 legislativa, pelo Dr. Maurício Graco Cardoso Presidente do Estado.**

Jornal da Cidade (07/12/98) - 85 anos da professora Ofenísia Freire.

Discurso pronunciado pela professora Ofenísia Soares Freire em 04 de maio de 1983 nas festividades comemorativas dos 153 anos da cidade de Estância/SE.

SERGIPE. Edital de inscrição no exame de admissão da Escola Normal, 10 de janeiro de 1920.

SERGIPE. Diário oficial, de 07 de dezembro de 1957. O ginásio Jackson de Figueiredo, presta significativa homenagem póstuma a D. Quintina Diniz.

Jornal Correio de Aracaju (01/12/1907) – Colégio Nossa Senhora Sant’Anna

Curriculum Vitae. Ofenísia Soares Freire. Aracaju/SE, 18 de março de 1993.

## REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. **Internar para educar: colégios – internatos no Brasil (1840-1950)**. 2012. 323 p. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal da Bahia. 2012.

BARALTI, Ivete Maria. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção**. 2003. 238 p. Tese (Instituto de Geociências e Ciências Exatas) Universidade Estadual Paulista. 2003.

BIN, Ana Clara. **Concepções de conhecimento e currículo em W. Kilpatrick e implicações do método de projetos**. 2012. 120 p. Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. **Nordeste açucareiro: desafios num processo do vir-a-ser capitalista**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1993

BOURDIEU, Pierre. **Escritos da educação**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2004

BRUSCKINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cad. Pesq.** São Paulo (64): 4-13, fev. 1988.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

DUBREUCQ, Francine. **Jean-Ovide Decroly**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores)

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia de municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. “**Vestidas de azul e branco**”: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupos de Estudos e Pesquisas em História da Educação/ PPGED, 2003.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno. **Educação, Trabalho e Ação política**: Sergipanas no Início do Século XX. 2003. 289 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo. 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990.

HUYSSSEN, Andrea. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. In: **Culturas do passado-presente**. Rio de Janeiro: Contraponto/Museu de Arte do Rio, 2014.p. 155-176.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL FRIORE, Mary (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 443-481.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. **1º Congresso Nacional da formação contínua de professores** (Formação Contínua de Professores: Realidades e Perspectivas: Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991). Disponível em: [file:///C:/Users/renil/Desktop/FPPD\\_A\\_Novoa.pdf](file:///C:/Users/renil/Desktop/FPPD_A_Novoa.pdf). Acesso em: 19 de dezembro de 2016.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Disciplinas, docentes e conteúdos**: itinerários da história na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962). 2011. 226 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe. 2011.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 79-94.

SAVIANI, Dermeval. História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos. In: **Educação**. Ed: 2005 – vol. 30 - n° 02. s/p.

WESTBROOK, Robert B. **John Dewey**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010.

ZAZZO, René. **Alfred Binet**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. p.12. – (Coleção Educadores)

HEILAND, Helmut. **Friedrich Frobel**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010. (Coleção Educadores).